

## Resenha Ideopatuagramas: o (in)verso ético-estético do projeto literário de Fausto Antonio

Ricardo Silva Ramos de Souza \*

ORCID iD

<https://orcid.org/0000-0001-5895-6046>

Carlindo Fausto Antonio (Campinas-SP, 1958) começou sua carreira literária na década de 1980 com o livro “Fala de Pedra e Pedra” (1986), desde então já são quase duas dezenas de publicações em romance, conto, poesia, infantojuvenil e teatro, além de ensaios de crítica literária. Em 1997, estreou no volume 20 da série “Cadernos Negros”, já tendo participado de diversas edições. Integra “Literatura e afrodescendência no Brasil” (2011), antologia monumental organizada por Eduardo de Assis Duarte. Fausto Antonio é mestre em Ciências Sociais e doutor em Teoria Literária, ambos os títulos pela UNICAMP; e professor da UNILAB – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, no campus São Francisco do Conde (BA).

Fausto Antonio vem desenvolvendo uma trajetória singular entre as autorias negras contemporâneas, investindo em um caminho experimental no qual a África é o ponto de partida, a ancestralidade e as relações de continuidade e/ou descontinuidade negro-africana no Brasil são (re)elaboradas de forma espiralar em diferentes gêneros literários e em suportes como a escultura e poemas visuais. Esse caráter de texto multimodal<sup>1</sup> contribui para que o autor construa suas teorias sobre a autoria – a escrita de si – e a coautoria – a recepção de si –, em um jogo complementar e aberto para outras ressonâncias da obra de arte. É a partir da cultura negro-africana que o autor vai investir como chave hermenêutica às manifestações culturais negro-africanas reconstituídas no Brasil, encruzilhando aproximações e distanciamentos de temas, em um deslizar contínuo, em que “abismo engole abismo” (ANTONIO, 2017).

---

\* Doutorando em Letras: Estudos Literários na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Relações Étnico-Raciais (CEFET-RJ). Graduação em Letras (Universidade Estácio de Sá-RJ). Organizou, com José Henrique de Freitas Santos, o livro de ensaios “Afro-rizomas na Diáspora Negra: as literaturas africanas na encruzilhada brasileira” (Kitabu Editora, 2013). Organizou “Cabo Verde: Antologia de Poesia Contemporânea” e “Moçambique Hoje: Antologia da Novíssima Poesia Moçambicana”, ambas publicadas em 2011 na revista África e Africanidades. E-mail: risoatelie@gmail.com

<sup>1</sup> “(...) A apropriação e a geração de sentidos não ocorrem mais de forma exclusiva por meio do código verbal escrito. Ao contrário, cada vez mais, elas se dão por meio de textos construídos a partir da organização multissemiótica em que a dança, a escrita, a música, as figuras, etc., em sua co-ocorrência indissociável, constituem o que Gunther Kress e Theo Van Leeuwen chamam de texto multimodal ou a Arkhé da estética negra, de acordo com Marco Aurélio Luz (o som, a fala, a dança, a síncopa, o ritmo e o rito, dentre outros fatores integram esta estética) (...). Nessa confluência de modos comunicativo-artísticos, não há simplesmente contato entre palavra, desenho, cores, gestos, sons, mas interação necessária entre eles rumo à significação” (FREITAS, 2016, p. 60).

Fausto Antonio faz da transgressão<sup>2</sup> uma forma de enfrentamento ao projeto hegemônico de literatura brasileira ao desvencilhar-se da *Arkhé* etnologicêntrica e eurografocêntrica, para sinalizar outra *Arkhé*, esta “mais aberta, afrorrizomática (Santos; Riso, 2013), multimodal, que amplia os sentidos do que compreendemos como literatura (brasileira)” (FREITAS, 2016, p. 38). Nessa perspectiva que “Ideopatuagramas”, seu mais recente livro-exposição, sob a chancela da Galileu Edições, publicado em 2022, dá continuidade e avança em temas e reflexões já presentes no livro-exposição “Patuá de Palavras, o (in)verso negro” (2019).

A partir do neologismo ideopatuagramas, Antonio aglutina os vocábulos ideogramas e patuá para formular gêneros textuais tendo como referencial os ideogramas adinkras da etnia Akan, presente nos territórios de Gana e Costa do Marfim. Os ideogramas adinkras representam provérbios que traduzem conceitos filosóficos, além de aspectos históricos e princípios éticos para os Akan, são representados em suportes como tecidos, objetos e esculturas (NASCIMENTO, 2008). Sua percepção com as obras expostas no livro busca encruzihar a origem africana com a reconstituição da África na diáspora (HALL, 2011; GILROY, 2001; NASCIMENTO, 2021), mais precisamente no território brasileiro, e assim inovar com a formalização dos patuás, e o seu conteúdo sagrado, “palavras mágicas, encantadas e de proteção-ataque”, ao propor como gêneros textuais para sua obra os patuás de palavras e os ideopatuagramas.

Nesse sentido, Fausto Antonio sinaliza a insuficiência da crítica literária brasileira para lidar com os textos das autorias negras, a incorporação de gêneros textuais relacionados ao sagrado e à cosmovisão de origem negro-africana recriada pela população negro-brasileira, caminho investigativo também trilhado por Edimilson de Almeida Pereira (2010) com os orikis, os cantopoemas e as narrativas de preceito, assim como por Henrique Freitas (2016) e a sua conceituação de literatura-terreiro.

Diante do exposto, apreende-se que a “cultura negra é uma cultura das encruzihadas”, como bem nos lembra Leda Maria Martins (1997, p. 26), e a encruzihada é:

(...) Operadora de linguagens e de discursos, a encruzihada, como um lugar terceiro, é geratriz de produção signífica diversificada e, portanto, de sentidos. Nessa via de elaboração, as noções de sujeito híbrido, mestiço e liminar, articuladas pela crítica pós-colonial, podem ser pensadas como

<sup>2</sup> A transgressão “tenta dar conta através da justaposição dos vocábulos (negro + transgressão), ao estilo da montagem cinematográfica de uma proposta estética interessada em lesar tantos as ideias feitas que orientam nossas filosofias de vida, quanto à imagem de um cânone totalizante, “universal”, vantajoso (para quem?) a ponto de poder ser aplicado em qualquer tempo espaço” (AUGUSTO, 2010, p. 434, grifos do autor).

...  
indicativas dos efeitos de processos e cruzamentos discursivos diversos, intertextuais e interculturais. Esses modos de constituição e reconstituição simbólicos advêm da encruzilhada, o operador sógnico, que possibilita sua emergência, contemplando-os com o (sic) desdobramentos possíveis, mas que nele não se esgota. Nessa concepção de encruzilhada discursiva destaca-se, ainda, sua natureza móvel e deslizante, no movimento da cultura e dos saberes ali instituídos (MARTINS, 1997, p. 28-29).

Como se trata de encruzilhada, o seu principal signo é Exu, o qual Martins tece as seguintes considerações:

Lugar de interseções, ali reina o senhor das encruzilhadas, portas e fronteiras, Exu Elegbara, princípio dinâmico que medeia todos os atos de criação e interpretação do conhecimento. Como mediador, Exu é o canal de comunicação que interpreta a vontade dos deuses e que a eles leva os desejos humanos. Nas narrativas mitológicas, mais do que um simples personagem, Exu figura como veículo instaurador da própria narração (MARTINS, 1997, p. 26)

Partindo de outra Arkhé, valorizando a cosmovisão africana e negro-brasileira que Fausto Antonio trabalha Exu como linguagem ressonante<sup>3</sup> e assim veremos como o tempo espiralar (MARTINS, 2002) também se encontra em sua obra nos seus diferentes gêneros literários e suportes plásticos. Assim, inspirando-se na linguagem dos ideogramas presentes nos tecidos e objetos Adinkras, Fausto Antonio (2022) constrói o gênero patuá de palavras a partir de palavras patualizadas presentes em diferentes momentos e gêneros textuais nos quais o autor investe. Dessa forma, temos palavras encantatórias constantes do livro “No Reino da Carapinha”, como “Tileka” e “Agadá Aratam Baobá” como carimbos imagéticos e palavras esculpidas. Outro exemplo se dá com a palavra patualizada “Exumos”.

Outra dimensão inovadora do gênero patuá de palavras proposto por Fausto Antonio encontra-se na noção de “palavra esquecida” e/ou “palavra esculpida”, na qual o autor explora o retorno à cena original, à ancestralidade:

Retornar e depois esculpir é uma forma de apropriação de uma propriedade perdida, a rigor, esquecida nas origens; não é o simples retorno à boca-mãe. O lugar demarcado pelo retorno, o paraíso, o útero, ganha carga, conteúdo e valor restitutivo ancestral. Numa outra síntese, a cena original adentra o cotidiano e dá, ao mesmo tempo, o trânsito contido do presente, passado e futuro. (ANTONIO, 2022, s/p).

É com essa dimensão de tempo espiralado que os ideopatuagramas remetem a uma dimensão de tempo imemorial, essas palavras esculpidas, oriundas de palavras

---

<sup>3</sup> Fausto Antônio: “Nasci para o mundo literário, às avessas dos recalques”. Entrevista a Cristian Salles. Disponível em: <https://correionago.com.br/fausto-antonio-nasci-para-o-mundo-literario-as-avessas-dos-recalques/>. Acesso em: 01 jul. 2022.

esquecidas, diz respeito a “uma noção recolhida de referência previamente ressonadas (ANTONIO, 2017b) pelas palavras imantadas, são milenarmente evocadas e invocadas pelos registros imemoriais e/ou ancestrais negro-brasileiros (ANTONIO, 2017a)”. Já o poema visual remete às pinturas rupestres, como fragmentos dispersos do que se perdeu na vinda forçada de africanos, mas que ganha força na reconstrução/renegociação negro-diaspórica assegurada pelo sagrado negro-brasileiro.

Ainda assim, poderia dizer que os grafismos dos patuás (in)versos relacionam-se com a fragmentação expressionista abstrata do corpo feminino presente nas pinturas de Willem de Kooning; enquanto a tridimensionalidade presente na palavra escultórica “Si Ori”, antes palavra encantatória em conto publicado na série “Cadernos Negros” e depois ressignificada no livro “No Reino da Carapinha”, agora como objeto, em suporte monumental, necessitando de exposição em galeria e exigindo a participação do leitor-espectador para encruzeirar os seus sentidos auditivos e táteis. Tal obra poderia ser lida como um poema-objeto neoconcreto<sup>4</sup> (GULLAR, 1993; BRITO, 1999), mas eu estou diante de uma obra e de um autor que tem como inspiração a ancestralidade, uma vez que o “escultural transita pela cena original e, por tal incursão, esculpe imagens deslumbradas das palavras esquecidas” (ANTONIO, 2022, s/p). Por outro lado, os ideopatuagramas de “Exumos” também demonstram, em sua diversidade, fragmentação e dispersão de grafismos, a força motriz de resistência e reexistência negra diante de uma *Arkhé* eurografocêntrica materializada na sua pilhagem epistêmica<sup>5</sup> (FREITAS, 2016).

O livro encerra-se com o caderno “Patuá (in)verso”, com uma seleção de seis poemas que demonstram o rigor formal da poética de Fausto Antonio, que se pretende estimular a recepção da coautoria para a relação do poema impresso com o patuá de palavras e os ideopatuagramas (poemas visuais e/ou poemas-objeto), expondo a complexidade de uma obra literária e artística work in progress, nesse tempo espiralar,

---

<sup>4</sup> Interessante a observação de Muniz Sodré sobre a arte em “Pensar Nagô”, o que auxilia a refletir o diálogo possível com o neoconcreto aqui proposto, mas que não vamos investir nessa resenha: “(...) pode-se pensar em experiências radicais como a da artista brasileira Lygia Clark quando, fazendo a pintura expandir-se além dos limites da moldura por meio de um diálogo com arquitetura, dizia querer ‘compor um espaço e não compor dentro dele’” (SODRÉ, 2017, p. 188). Não se deve esquecer a figura do artista plástico Hélio Oiticica, também integrante do movimento neoconcreto e que incorporou referenciais das religiões de matrizes africanas em suas obras.

<sup>5</sup> “Chamamos de pilhagem epistemológica uma das perversões do epistemicídio que consiste na subtração ou apropriação de elementos constitutivos dos saberes subalternos (aqueles que constituem as cosmogonias indígenas, africanas, negro-brasileiras ou as tecnologias sociais e linguísticas dos pobres) sem qualquer agenciamento e muitas vezes mesmo referenciação dos sujeitos dessas gnoses. Nesse sentido, é pilhagem, porque saqueia-se o outro naquilo que se reconhece como mais valioso para incorporando em seu repertório como estratégia de projeção individual ou de um grupo completamente diferente daquele que gestou os saberes em foco” (FREITAS, 2016, p. 39).

tendo o referencial negro-africano como origem e a sua recriação negro-brasileira. Tendo Exu como epistemologia (SANTIAGO, 2020) e sendo a ação deste que inventa o tempo (SODRÉ, 2017)<sup>6</sup>, Fausto Antônio busca soluções plásticas e literárias que ilustram a temporalidade espiralada, fazendo da multimodalidade um exercício de reelaboração da identidade negro-brasileira, de correção da identidade (NASCIMENTO, 2021) a partir de uma memória clivada atravessada pelo vazio e pelos hiatos da diáspora forçada, reterritorializando a ancestralidade. Com isso, retorno à reflexão de Leda Maria Martins, que numa complexa

percepção cósmica e filosófica entrelaça, no mesmo circuito de significância, o tempo, a ancestralidade e a morte. A primazia do movimento ancestral, fonte de inspiração, matiza as curvas de uma temporalidade espiralada, na qual os eventos, desvestidos de uma cronologia linear, estão em processo de uma perene transformação (MARTINS, 2002, p. 84).

O livro “Ideopatuagramas” é um provocador desafio à leitura, propõe rasuras ético-estéticas outras para a literatura brasileira, ampliando-a e deslocando-a ao forçar a diferença por outra ordem de sentido e recepção, valorizando e trazendo para o centro os referenciais negro-africanos e negro-brasileiros, enfrentando a pilhagem epistêmica que forma o cânone literário brasileiro. Assim, Fausto Antonio esgarça, enriquece e marca a sua diferença entre as produções das autorias negras com um rigoroso trabalho com a linguagem, dialogando com o modernismo de João Cabral de Melo Neto e vanguardas como a poesia concreta, mas trazendo o que Edimilson de Almeida Pereira (2010, p. 44) apreende e nos informa ao falar de sua produção poética e a relação com João Cabral, na qual esse diálogo se articula a partir da diferença, e ainda que possuam e tratem de imagens próximas, “isto não quer dizer que partilhemos o mesmo modo de apreensão dessa imagem”; e quando se trata da obra de Fausto Antonio em relação com João Cabral, logo penso na pedra e suas ressonâncias na obra antoniana, por exemplo, “pedra do tempo e do sem-tempo”, como no poema “Tempo-Boca”.

---

<sup>6</sup> “(...) Diferentemente da temporalidade ocidental-psicanalítica do sujeito que faz do tempo a condição de aparecer do acontecimento, com Exu a temporalidade *não é constituída*, mas *constituente*, isto é, uma dimensão da experiência que inventa o tempo por meio da articulação dos eventos regidos pela origem, isto é, por um protoacontecimento que engendra um destino comum a todos e faz aparecer até mesmo o inexistente. Nessa dimensão, o indivíduo está ao mesmo tempo atrás e adiante de si mesmo. Essa origem é impossível de ser representada, muito menos de ser datada, porque não é nenhum começo, mas um princípio inaugural. O acontecimento inaugurado por Exu não é algo que se possa inserir como peripécia numa história com passado, presente e futuro já dados, pois é ele mesmo que faz a história de seu grupo, logo, constrói o seu tempo – em grego, *aión*, o tempo do acontecimento – que é o da reversibilidade. Em termos mais claros, a ação de Exu não está dentro do tempo, *ela o inventa*” (SODRÉ, 2017, p. 188, grifos do autor).

Nessa perspectiva que a percepção afrocentrada de Fausto Antonio amplia e subverte a literatura brasileira ao revelar um enfrentamento radical com a linguagem, proporcionando a inserção da ancestralidade e seu tempo espiralado, obrigando a formulação de novos gêneros textuais que contemplem a diferença e suas práticas culturais negro-africanas e negro-brasileiras, e nessa outra *Arkhé* exigindo uma recepção que se desloque dos modelos literários canonizados. Talvez seja esse o grande valor dos “Ideopatuagramas”, um projeto literário que se alimenta do fazer e do refazer, da noção de sua incompletude e transitoriedade, da necessidade de transformação ininterrupta, de uma produção em permanente devir. Um livro exusíaco.

## Referências

- ANTONIO, Fausto. *Ideopatuagramas*. Londrina: Galileu Edições, 2022.
- ANTONIO, Fausto. Apresentação. In: ANTONIO, Fausto.(Org.). *Arthur Bispo do Rosário, o Rei! e outras peças de teatro negro-brasileiro*. São Paulo: Ciclo Contínuo, 2020. p. 7-20.
- ANTONIO, Carlindo Fausto. A Escrita e Recepção de Si: Abismo olhando Abismo. *Pós-Limiar*, Campinas, 2(2), 141-152, jul./dez. 2019.
- ANTONIO, Fausto. *Patuá de Palavras, o (in)verso negro*. Londrina: Galileu Edições, 2019.
- AUGUSTO, Ronald. Transnegressão. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida.(Org.). *Um tigre na floresta de signos – estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza, 2010. p. 425-437.
- BRITO, Ronaldo. *Neoconcretismo: vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro*. Rio de Janeiro: Cosac e Naify, 1999.
- FREITAS, Henrique. *O Arco e a Arkhé: ensaios sobre literatura e cultura*. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2016.
- GILROY, Paul. *Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.
- GULLAR, Ferreira. *Argumentação contra a morte da Arte*. 2 ed. Rio de Janeiro: Revan, 1993.
- HALL, Stuart. *Da diáspora – identidades e mediações culturais*. Organização de Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- MARTINS, Leda. Performances do tempo espiralar. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia (Org.). *Performance, exílio, fronteira: errâncias territoriais e textuais*. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Faculdade de Letras/UFMG, 2002. p. 69-92.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da Memória: o Reinado do Rosário do Jatobá*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

NASCIMENTO, Beatriz. *Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos*. Organização de Alex Ratts. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. Sankofa: significado e intenções. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *A Matriz Africana no Mundo*. São Paulo: Selo Negro, 2008. p. 29-54. Coleção Sankofa 1: matrizes africanas da cultura brasileira.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Blue Note: entrevista imaginada*. Belo Horizonte: Nandyala, 2013.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. Territórios cruzados: relações entre cânone literário e literatura negra e/ou afro-brasileira. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida; DAIBERT JUNIOR, Robert (Org.). *Depois, o Atlântico: modos de pensar, criar e narrar na diáspora africana*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010. p. 319-349.

SANTIAGO, Jocevaldo. Exu como epistemologia da literatura-terreiro. In: SOUZA, Ana Lúcia; CARRASCOSA, Denise; AUGUSTO, Jorge; FREITAS, Henrique; RODRIGUEZ, Maria Dolores; FONSECA, Silvana (Org.). *Rasuras epistêmicas das (est)éticas negras contemporâneas: Seminário Rasuras 2017*. Salvador: Edição Organismo e Grupo Rasuras, 2020. p. 85-92.

SODRÉ, Nelson. *Pensar Nagô*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

Recebido em: 04/09/2022

Aceito em: 24/09/2022

**Para citar este texto (ABNT):** SOUZA, Ricardo Silva Ramos de. Resenha Ideopatuagramas: o (in)verso ético-estético do projeto literário de Fausto Antonio. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº Especial, p. 439-445, 2022.

**Para citar este texto (APA):** Souza, Ricardo Silva Ramos de.(2022). Resenha Ideopatuagramas: o (in)verso ético-estético do projeto literário de Fausto Antonio. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 2 (Especial): 439-445.